

ENTRE A
REPETIÇÃO E A
RENOVAÇÃO

a tradição cristã na perspectiva de Yves Congar

Anderson Costa Pereira



[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

[Redacted]

Sumário

INTRODUÇÃO	7
1. Prolegômenos sobre a tradição em geral	13
2. O conceito de Tradição nas Escrituras	25
3. Apontamentos históricos sobre o conceito de Tradição	35
4. A Tradição e seus desdobramentos teológicos	51
5. O Concílio Vaticano II e a questão da Tradição	119
6. De Congar ao Papa Francisco: por uma Tradição viva destinada a crescer	149
7. Para finalizar: a metáfora da Tradição que flui como um rio	167
CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS	175

Introdução

A Tradição faz parte dos conceitos basilares e fundamentais da teologia. Ela constitui, em princípio, um verdadeiro problema hermenêutico, histórico e teológico. Fazendo uma comparação, a Tradição sempre esteve posicionada em uma espécie de gangorra, porém com certa desproporcionalidade no balanço. Por muito tempo, a Tradição foi compreendida como conservação estática, prevalecendo sobre o outro lado, ou seja, a Tradição entendida como algo dinâmico e renovador. Essa gangorra, que não estava acostumada com essa oscilação, ganhou movimento com o impulso dado pela compreensão de “Tradição viva”, de Johann Adam Möhler (1796-1838) e o conceito de desenvolvimento histórico na compreensão da Revelação, de John Henry Newman (1801-1890).

Posteriormente, com o Concílio Vaticano II (1962-1965), essa gangorra começou a se movimentar mais acentuadamente, em um movimento ascendente e descendente no qual, por vezes, uma e outra parte se

elevavam e desciam, disputando o domínio acerca do modo de conceber a Tradição. Desse modo, é fundamental encontrar um equilíbrio entre ambos os lados, onde a conservação da Revelação passa por um processo gradual de compreensão, implicando o desenvolvimento e o progresso da Tradição.

A Tradição é tão vital para a Igreja quanto o alimento é para o corpo. Como um lugar teológico fundamental, a teologia da Tradição foi objeto de estudo vasto e profundo pelo teólogo dominicano francês Yves Marie-Joseph Congar¹, considerado um dos mais importantes

- 1 De acordo com o filósofo e historiador Battista Mondin, Yves Congar “nasceu em Sedan em 1904, concluiu seus estudos no seminário diocesano de Paris. Durante o curso filosófico teve por mestres dois tomistas excepcionais, J. Maritain e F. Blanche, e que antes mesmo das doutrinas, o fazem apreciar e amar a pessoa de Santo Tomás. Desde então, ou seja, durante o liceu, é admitido a fazer parte dos *Cercles de saint Thomas*, fundado por Maritain e Garrigou-Lagrange para o aprofundamento e para assimilação da sua espiritualidade. Em 1925 deixa o seminário para se tornar dominicano. Depois do noviciado ele retoma seus estudos no célebre convento de Le Saulchoir. Congar aprende a integrar o método especulativo com o método histórico no estudo da teologia. É ordenado sacerdote no ano de 1930. Conseguindo o leitorado em teologia, foi nomeado professor de eclesiologia em Le Saulchoir. Em 1937 fundou a célebre coleção de eclesiologia e ecumenismo intitulada *Unam Sanctam* junto a editora Du Cerf, de Paris, e a inaugura com uma de suas obras-primas, o famoso *Les chrétiens désunis*, um dos clássicos do ecumenismo. Na eclosão da Segunda Guerra Mundial Congar é chamado ao exército. Caído prisioneiro

eclesiólogos do século xx. O pensamento de Congar está tão intrinsecamente ligado à força da Tradição que ele a coloca como um dos pilares de sua teologia. Pode-se afirmar que um dos grandes méritos de Congar foi contribuir para restabelecer o princípio da Tradição

quase imediatamente, permanece por cinco anos nas mãos dos alemães, que o tratam duramente por seus princípios antinazistas. Depois da libertação, Congar participa com ardor no trabalho de renovação espiritual de seu país e da Igreja. A serviço da renovação da Igreja escreve *Verdadeira e falsa reforma na Igreja* (1950). O livro sai durante a fase mais aguda da luta contra a *Nouvelle Théologie* e é recebido com críticas, às vezes violentas, de teólogos tradicionalistas. Além disso Congar foi envolvido, juntamente com De Lubac e Chenu, na condenação da *Nouvelle Théologie* e por uma década sofre as mais duras consequências: proibição de publicar novos trabalhos, exclusão de conferências, cessação de qualquer atividade ecumênica e, sobretudo, o afastamento do ensino. Foi exilado de Le Saulchoir e enviado à Terra Santa. A sua completa reabilitação acontece às vésperas do Concílio Vaticano II, do qual se tornará um dos principais artífices. Em 1964 é nomeado por sua Ordem ‘mestre de teologia’, tradicional coroamento da carreira de um professor na Ordem dominicana. Congar foi criado cardeal por João Paulo II em reconhecimento da importância de seu trabalho teológico. Ele morreu em junho de 1995. Obras principais: *Os cristãos desunidos* (1937); *Esboços sobre o mistério da Igreja* (1941); *Verdadeira e falsa reforma na Igreja* (1950); *Por uma Teologia do laicato* (1956); *O mistério do templo* (1958); *A Tradição e as tradições* (1960); *Sacerdócio e laicato* (1962); *Eclesiologia no início da Idade média* (1968); *Um povo messiânico* (1975); *Creio no Espírito Santo* (1978)”. In: MONDIN, Battista. **Storia della teologia: epoca contemporanea**. v. 4. Bologna: Edizioni Studio Domenicano, 2019. p. 489-490. (tradução nossa, grifos nosso).

em todo o seu esplendor original, libertando-o do uso apologético tradicional.

Congar deu uma significativa contribuição para a questão da Tradição, que exerceu uma forte influência sobre o Concílio Vaticano II, marcando uma mudança radical na reflexão eclesiológica e ecumênica sobre o assunto. O caminho traçado pelo teólogo francês, ao compreender os termos Tradição e reforma como duas dimensões complementares da vida da Igreja, revigorou profundamente a eclesiologia católica do século XX, fornecendo fundamentos para o *aggiornamento* realizado pelo Concílio.

Para Congar, a Tradição não consiste em um conjunto fixo de ideias e práticas que permanecem imutáveis ao longo da história, mas sim em um processo dinâmico de transmissão da fé que se desenvolve com o tempo. Ele enfatizava que a Tradição é uma realidade viva e orgânica, moldada pelas experiências e necessidades das pessoas em diferentes épocas e contextos. Assim, sua intuição libertava a Tradição de uma interpretação fixista e imóvel, destacando que ela não se vincula a formas historicistas e não implica ausência de mudança.

Neste livro, será apresentado uma reflexão sistemática sobre a Tradição, à luz do pensamento de Yves Congar, em sua dupla dimensão, como mudança e continuidade. A etimologia e os diversos sentidos da palavra serão abordados na primeira seção, estabelecendo assim os

alicerces para uma compreensão mais profunda da Tradição a partir de seu sentido originário. Em seguida, exploraremos como a questão da Tradição se manifesta nas Escrituras. A partir daí, examinaremos a evolução histórica da compreensão da Tradição ao longo do tempo e em diferentes contextos. Na sequência, adentraremos nos desdobramentos teológicos da Tradição no pensamento de Congar, que incluem a relação entre a Revelação, a Tradição e as Escrituras; os sujeitos e os monumentos da Tradição; a relação entre Tradição e História; a diferença entre Tradição e tradições e entre Tradição e o tradicionalismo; e, por fim, a relação entre Tradição e reforma. Esta análise culminará na última seção, que trata da compreensão teológica da Sagrada Tradição à luz do Concílio Vaticano II, especificamente na Constituição dogmática *Dei Verbum*. Como historiador, teólogo e um dos principais protagonistas do Concílio Vaticano II²,

- 2 Por sua própria confissão, em seu Diário do Concílio, com suas mais de mil páginas, conhece-se algumas das contribuições de Yves Congar à obra conciliar: ele trabalhou na redação do primeiro e segundo capítulo da *Lumen Gentium*, respectivamente sobre o mistério da Igreja e o Povo de Deus; colaborou na elaboração do segundo capítulo da *Dei Verbum*, sobre a relação entre Escritura, Tradição e Magistério; participou na redação do decreto sobre o Ecumenismo, *Unitatis Redintegratio*, e do decreto sobre a atividade missionária da Igreja, *Ad gentes*. Além disso, ele também afirma ter contribuído na elaboração da Declaração sobre a liberdade religiosa, *Dignitatis humanae*, e do decreto sobre a renovação da vida e espiritualidade dos sacerdotes, *Presbyterorum*

Congar está triplamente qualificado para nos ajudar a analisar essas questões.

Ordinis (doravante PO). Cf. CONGAR, Yves. **My journal of the Council**. Adelaide: ATF Press, 2012. p. 795-797.

1. Prolegômenos sobre a tradição em geral

Antes de prosseguir com a análise da perspectiva congariana sobre a Tradição, é necessário compreender o termo em seus vários sentidos. Inicialmente, dada a relevância do tema da Tradição para a teologia, é importante questionar seu significado mais amplo. Essa questão requer uma leitura que aprofunde e expanda seu significado original, refletindo sobre o sentido e a abrangência do termo, uma vez que é um conceito bastante controverso e emblemático. Além disso, a Tradição pode ser afirmada como um princípio que sustenta a própria Igreja, de modo que “no espelho da Tradição, a Igreja se reconhece”³.

Uma primeira abordagem à complexidade do tema é fornecida pelos diferentes significados semânticos que a palavra possui, os quais são encontrados em

3 LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da Revelação a partir da Modernidade**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 387.